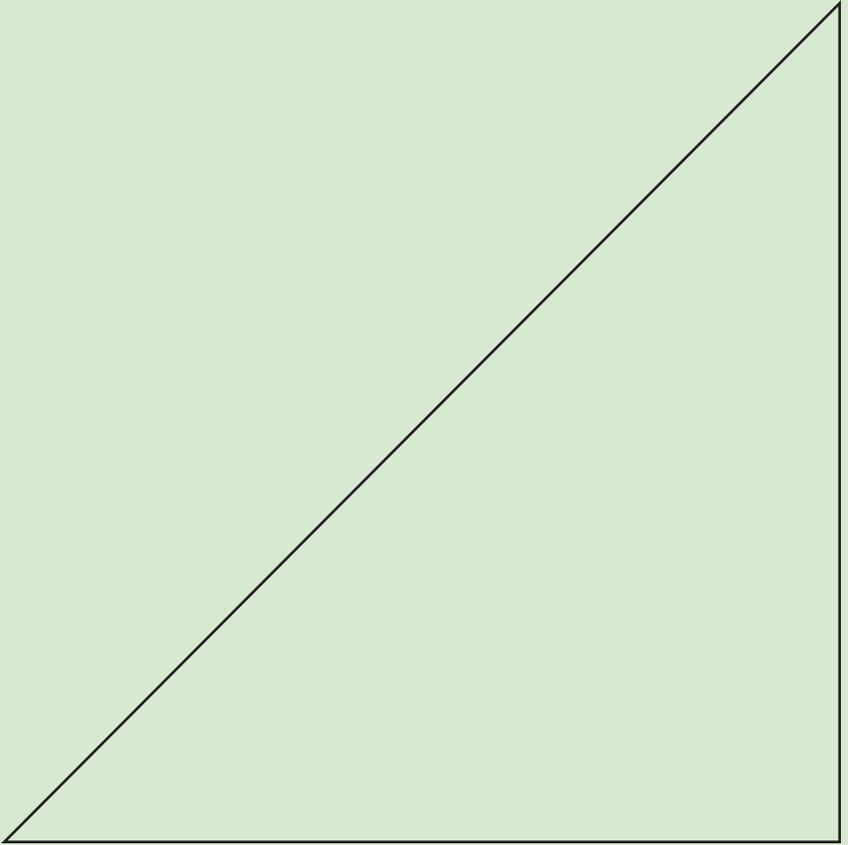


**performance**





Este ano criamos experiências a partir da metamorfose, da transformação. Um tema que passa pela comida que vira energia, por anfíbios que ganham patas e perdem brânquias, pela tentativa alquímica de ouro ou por supergêmeos que viram animais e objetos de gelo.

Inventamos as nossas metamorfoses. Elas aconteceram a partir da língua de sinais que se transformava em dança. Também a partir de desenhos e imagens, dar corpo para a transformação de uma imagem na outra. Depois cartas de um baralho mexicano metamorfoseadas no corpo de cada um e cada uma.

Então abandonamos as figuras. Como construir um corpo diferente do seu, uma figura no espaço e transformar esse corpo em outro que se movimentava de outro jeito? Testamos muitas possibilidades: espalhados pelo espaço, com lugares delimitados, que demoram para acontecer, que acontecem de repente, uma pessoa que passa por várias transformações, várias pessoas que se deslocam e se transformam juntas. Ao mesmo tempo. Em tempos diferentes.



Alguém come maçã e se transforma na maçã  
Sol que vira buquê de flores  
Cachorro que vira braço  
Coração que vira banquete  
Paz que vira bússola que vira videogame que vira  
motorista de ônibus  
Bandido que vira quinta-feira  
Mônica que vira placar  
Yes! Que vira o dia do turli na lagoa  
Bartolomeu que vira polícia  
Montanha nevada que vira pessoa

5

Chegamos ao final do ano e acabamos de começar. Essas primeiras experiências pedem por outras, novas visitas ao parque, achar outras clareiras, visitar o planetário e quem sabe que outras constelações podemos inventar. De tantas transformações, o que permanece são os encontros como espaço-tempo de Vida. No programa Igual Diferente, podemos inventar um coletivo que experimenta, acolhe e legitima uma diversidade de modos de existência, cria e se transforma a partir desses modos.

Para além dos temas e figuras que surgiram, podemos pensar que, antes disso, a transformação maior é a de permitir que esses jeitos diferentes possam escapar de categorias estigmatizantes, possam existir com suas particularidades e singularidades como criadores de vida e de linguagem, formando um dispositivo coletivo que permite que esses corpos continuem sempre a serem outros.





















